

## Argentina's Dirty War

*More than 40 years have passed since Argentina's generals seized power. They kidnapped, tortured and killed thousands of Argentines whom they saw as a threat to western civilisation. Democracy was restored in 1983, but many perpetrators of those crimes have never been punished. Of the 2,780 people who have been charged with human-rights violations since 2006, just 750 have been found guilty.*

*Now, some Argentines fear, even that incomplete justice is being weakened. On May 3rd the country's supreme court made a decision that could free as many as 248 prisoners. The case relates to Luis Muiña, who in 2011 was sentenced to 13 years in prison for the kidnap and torture of five people in 1976. The court ruled that, under Argentina's "two-for-one" law, some of the time he had spent on remand [sob prisão preventiva] should reduce his sentence by double that amount of time. This cut it by eight years. His release on parole [em liberdade condicional] in April was thus legal.*

*Since democracy was restored, politics has dictated how the crimes of Argentina's "dirty war" are treated. A truth commission established that at least 8,960 people had been murdered. After military uprisings against the democratic government of Raúl Alfonsín in the late 1980s, the government introduced amnesty laws and pardons to placate the army. Under the populist presidencies of Néstor Kirchner and his wife, Cristina Fernández de Kirchner, from 2003 to 2015, the state threw its weight behind trial and punishment.*

*The government of Mauricio Macri, Argentina's president since December 2015, says it is returning to the principle that independent courts, not politicians, should administer justice. Its critics doubt that. They see the centre-right president as soft on dictatorship. In December he suggested that Remembrance Day, which commemorates the military coup [golpe militar] every March 24th, could be observed on the nearest Monday to raise productivity. Human-rights activists point out that Mr Macri appointed two of the three judges who set Mr Muiña free.*

*Stung by the criticism, his coalition joined forces with the opposition in the senate on May 10th to pass, unanimously, a law stating that two-for-one should not apply to crimes against humanity. That may prompt the supreme court to rule differently on similar cases. How it decides will matter as much as what it decides. Judicial independence is as important as punishing the dictators' henchmen [capangas, carrascos].*

Adapted from *The Economist*, May 13th 2017

## Introduction

This article from *The Economist* discusses a legal controversy taking place in Argentina. Read the text and answer the questions below. You are advised to read the questions carefully and give answers that are of direct relevance. Remember: Your answer to Question 1 must be written in Portuguese, but your answers to Questions 2 and 3 must be written in English. With these last two questions, you may use American English or British English, but you must be consistent throughout.

## Question 1

---

(This question tests your understanding of the text, as well as your ability to identify and paraphrase the relevant pieces of information. Your answer should fill up approximately 15 to 20 lines in the space provided.)

A fight is taking place in Argentina over how to punish those who committed crimes in the service of that country's brutal military dictatorship. In your own words, describe this fight and the events and circumstances that caused it. In what ways have the country's politicians, civil society, and judiciary affected or influenced the situation? Explain how Argentina's supreme court may act in the future – and why it may act in such a way.

(Deve ser respondida em português, usando aproximadamente de 15-20 linhas)

Uma briga está acontecendo na Argentina, a respeito de como punir aqueles que cometeram crimes a serviço da brutal ditadura militar daquele país. Com suas próprias palavras, o aluno deve descrever essa briga e os eventos e as circunstâncias que a causavam. De que maneiras os políticos do país, a sociedade e poder judiciário afetaram ou influenciaram a situação? Explique como o supremo tribunal da Argentina pode agir no futuro – e porque ele pode agir de tal forma.

### Resolução

A luta mencionada no texto refere-se ao tempo de punição daquelas pessoas que estavam presas devido a crimes cometidos na época da ditadura no país. No dia 3 de maio, uma decisão do supremo tribunal argentino poderia liberar aproximadamente 248 prisioneiros. O caso que chamou a atenção foi o do argentino Luis Muiña que fora sentenciado a 13 anos de prisão pelo fato de ter sequestrado e torturado cinco pessoas. O tribunal decidiu que, sob a lei argentina de “dois para um”, uma quantidade de

tempo que ele havia passado em prisão preventiva deveria reduzir sua sentença pela metade do tempo, isto é, oito anos. Portanto, sua soltura em abril foi considerada legal.

De acordo com o texto, a maneira como esse tema tem sido tratado sofreu alterações. Por exemplo, sob o governo de Raúl Alfonsín, foram concedidos perdões e anistia para vários indivíduos a fim de aplacar a fúria do exército. Já na época de presidentes populistas como, por exemplo, Néstor e Cristina Kirchner, houve uma maior tendência para julgamentos e punições. Mais recentemente, no governo Macri, que é de centro-direita, decidiu-se voltar a postura de deixar para os tribunais independentes, não os políticos, tomarem a decisão acerca do que fazer com os réus.

Em vista da forte crítica que Macri recebeu, decidiu-se aprovar uma emenda constitucional que afirmava que a lei de “dois para um” não deve ser aplicada para aqueles que cometeram crimes contra a humanidade. Com isso, o supremo tribunal pode ser levado a tomar decisões diferentes em casos similares, isto é, cada caso será julgado individualmente em função de cada réu.

## Question 2

(This question tests your ability to express yourself in a manner that is clear, precise, and relevant. Your answer should fill up approximately 15 to 20 lines in the space provided.)

Since the end of Argentina's dictatorship, successive democratically elected governments have in their own ways tried to deal with the crimes of the "dirty war." Of the governments mentioned in the article, which in your opinion took or is taking the best approach? Do you believe that any post-dictatorship government has addressed those crimes adequately? Why or why not?

Going further, explain as well how the "two-for-one" law most likely works and why it was or was not fair to apply that law to the case of Luis Muiña. Keeping in mind that by definition human rights mean everybody, can Muiña's release on parole last April be considered a victory or a defeat for human rights in Argentina?

In answering the above questions, you should support your points of view with clear, well-balanced, and specific reasons. And while you may take into account legal, ethical, and practical considerations, please try to be as objective as possible.

Desde o fim da ditadura na Argentina, governos eleitos democraticamente, de maneira sucessiva, vêm tentando à sua maneira lidar com os crimes da "Guerra Suja". Dos governos mencionados no artigo, qual em sua opinião teve ou está tendo a melhor abordagem? Você acredita que algum dos governos pós-ditadura abordou aqueles crimes adequadamente? Por que ou por que não?

Indo mais além, explique também como a lei do "two-for-one" (dois para um) funciona mais provavelmente e por que foi justo ou não aplicar essa lei ao caso de Luis Muiña. Tendo em mente que por definição direitos humanos significa todo mundo, a liberdade condicional de Muiña no último abril pode ser considerada uma vitória ou uma derrota dos direitos humanos na Argentina?

### **Resolução**

**O candidato deveria identificar e justificar qual dos governos pós-ditadura na Argentina apresentou uma melhor abordagem na forma de lidar com os crimes da chamada "guerra suja".**

**Segundo o texto, o governo atual de Maurício Macri diferencia-se dos governos populistas de Néstor Kirchner e Cristina Kirchner, pois defende o princípio de que a justiça deve ser administrada por cortes independentes e não por políticos.**

**Ainda de acordo com o texto, os outros governos surgidos após a ditadura fizeram vistas grossas ou não aplicaram sentenças justas (totais) àqueles que**

cometeram atrocidades contra o povo argentino, violando, assim, os direitos civis.

O candidato deveria, também, comentar se achava justa a lei aplicada a Luis Muiña, acusado de crimes de rapto e tortura de cinco pessoas em 1976, que se baseou na lei “two-for-one” que permite que o tempo passado na prisão seja descontado em dobro do tempo restante da sentença, o que poderia ser considerado uma derrota para os direitos civis na Argentina.

## Question 3

(This question tests your ability to construct a balanced, considered, and fluent argument in the form of a short composition. Your answer should fill up approximately 15 to 20 lines in the space provided.)

Whether because of war, revolution, collapse, or voluntary transition, since the 20th century several dictatorial or authoritarian governments, besides the one in Argentina, have been supplanted by democracies. And when those democratic governments take over, they often make an effort to come to terms with the violent, tyrannical history of the governments they have replaced. The quotations below touch on two extremes of how countries may address such a criminal legacy.

On November 21, 1945, the American lawyer and judge Robert H. Jackson made the following opening statement for the prosecution before the International Military Tribunal in Nuremberg, which had been set up to try German war and human-rights criminals:

“That four great nations [The United States, The United Kingdom, France, and The Soviet Union], flushed with victory and stung with injury, stay the hands of vengeance and voluntarily submit their captive enemies to the judgment of the law, is one of the most significant tributes that Power has ever paid to Reason.”

As a result of the Nuremberg Trials – despite Robert Jackson’s magnificent, almost conciliatory words – many Germans, especially ex-Nazis, were executed (or committed suicide) or given long – even life – prison sentences.

The object was to enact *retributive* justice for crimes against humanity and, it was hoped, to ensure that such crimes would never happen again.

In contrast, when South Africa’s cruel apartheid regime finally ended, the new government not only set up a Truth and Reconciliation Commission to expose the terrible oppression that had taken place during the apartheid years, but also, in many cases, granted amnesty to politically motivated perpetrators who made full confessions and expressed sincere remorse.

The object was to enact *restorative* justice for human-rights crimes and, it was hoped, to move ahead with the building of a new country.

As the statesman Nelson Mandela, first president of the new South Africa, wrote in 1994, “No one is born hating another person because of the color of his skin, or his background, or his religion. People must learn to hate, and if they can learn to hate, they can be taught to love, for love comes more naturally to the human heart than its opposite.”

Nevertheless, in a speech on January 7, 1996, Mandela emphasized that, “True reconciliation does not consist in merely forgetting the past.”

Therefore, considering the information in the article and the examples of Nuremberg and South Africa – and considering as well that Brazil’s own National Truth

Commission has accomplished very little (so far, not one military perpetrator has been tried or convicted) – discuss what you would like to see happen here with respect to the alleged human-rights criminals who acted under the auspices of the 1964-1985 Military Dictatorship.

The following questions will help you to formulate your point of view:

- In 1979, when Brazil’s Military Government granted amnesty to many in the opposition, it also granted amnesty to itself, i.e., for any human-rights offense that military personnel might have committed between September 2, 1961 and August 15, 1979. In your opinion, should such military personnel now be vigorously prosecuted or should they still enjoy protection under the 1979 Amnesty Law. Can that law be considered valid?
- Since some members of the opposition in fact resorted to extreme violence, should they be prosecuted despite having received amnesty?
- Should victims of the Military Government receive financial reparations?
- Should Brazilians even be concerned with crimes that may have happened decades ago?
- Will prosecuting human-rights criminals make Brazil a better place to live or will it merely keep old wounds open, further dividing the country? In other words, don’t we have more important things to do, or can Brazil only move forward by confronting the past? If so, should justice be implacable or should it be tempered with common sense and mercy?

In answering, you may take into account legal, ethical, practical, and even religious matters, but please strive to be as clear-sighted and logical as possible, supporting your point of view with specific arguments and examples.

### **Resolução**

**Esta questão testa a capacidade do candidato de construir um argumento equilibrado, considerado e fluente sob a forma de uma redação curta.**

**Ela propunha ao candidato a seguinte questão:**

**Considerando a informação no artigo e os exemplos de Nuremberg e África do Sul e considerando também que a própria Comissão da Verdade do Brasil realizou muito pouco (até agora, nenhum agressor militar foi julgado ou condenado), discuta o que gostaria de ver acontecer aqui com relação aos supostos criminosos**

de direitos humanos que atuaram sob os auspícios da Ditadura Militar de 1964-1985.

O candidato poderia analisar o fato de que, desde o século 20, diversos governos autoritários ou ditatoriais foram suplantados por democracias. Porém, ao assumir o poder, tais governos democráticos esforçaram-se, ao máximo, para entrar em acordo com o governo que substituíram.

O candidato deveria posicionar-se em relação aos exemplos dados no texto: os resultados do Tribunal Militar Internacional em Nuremberg, criado para julgar crimes contra direitos humanos perpetrados por alemães, especialmente ex-nazistas, muitos dos quais foram executados, cometeram suicídio ou condenados à prisão perpétua.

Por outro lado, seguir o tom conciliador estabelecido pelo novo governo da África do Sul que, embora tenha criado uma comissão de reconciliação e verdade para expor a terrível opressão que os negros sul-africanos tinham suportado, também concedeu, em muitos casos, anistia aos criminosos que confessaram seus crimes e expressaram remorso sincero.

A partir desse ponto, expressar suas ideias em relação ao Brasil, por exemplo, quanto às semelhanças há entre a forma proposta pelo governo sul-africano e o próprio governo militar brasileiro que concedeu anistia à oposição e a si mesmo. Caso contrário, posicionar-se em favor de julgamento para ambos os lados que cometeram tais crimes, em vez de esquecer que houve tais atrocidades no país num passado não muito distante.

Possivelmente, também questionar qual das posições seria mais adequada para haver justiça social e tornar o país um lugar melhor para se viver ou meramente deixar as feridas abertas, seguir em frente e ocupar as mentes com coisas mais importantes a fazer.

Por fim, importante destacar que o candidato deveria, ao responder, levar em consideração assuntos legais, éticos, práticos e até mesmo religiosos, mas esforçar-se para ser tão claro e lógico quanto possível, apoiando seu ponto de vista com argumentos e exemplos específicos.



## Texto para as questões 1 e 2

*Não dá para acreditar, mas Donald Trump também é cultura. Nenhuma outra figura pública tem incentivado mais a leitura e compra de livros em Trumpolândia do que ele. E não são xaropadas de autoajuda, intrigas de espionagem e futricas sobre celebridades, mas obras de comprovada qualidade e urgente serventia, cujas vendas se multiplicaram depois e por causa de sua eleição.*

*Entre os mais vendidos na Amazon e também em livrarias físicas, nas últimas semanas, figuram três clássicas distopias - **1984** (de George Orwell), **O Complô Contra a América** (de Philip Roth) e **It Can't Happen Here** (de Sinclair Lewis) - acompanhadas de um histórico ensaio que, por vias indiretas, as contextualiza: **Origens do Totalitarismo**, de Hannah Arendt.*

*O pesadelo futurista de Orwell e as análises de Arendt, ambos já com quase 70 anos de circulação e ininterrupta renovação de leitores, são best-sellers recorrentes em períodos de perplexidade e surto autoritário como o que a América atravessa.*

(...)

Sérgio Augusto, **O Estado de S. Paulo**. 18/02/2017.

## Questão 1

Tendo em vista o contexto, é possível, a partir do texto,

- inferir se a frase “Donald Trump também é cultura” deve ser entendida como elogio ou como ironia? Justifique sua resposta.
- deduzir o sentido atribuído ao neologismo “Trumpolândia”? Justifique sua resposta.

### Resolução

- A frase deve ser entendida como ironia, pois a eleição de Donald Trump levou a um aumento na procura de obras clássicas que questionam momentos críticos da história, como atesta o próprio texto na passagem “...são best-sellers recorrentes em períodos de perplexidade e surto autoritário como o que a América atravessa.
- O neologismo “Trumpolândia”, formado pelo sufixo “\_lândia” cujo sentido é “terra, país, região”, expressa o sentido irônico de que o país, EUA, pertença a Donald Trump, uma vez que seu comando ocorre de forma autoritária e centralizada.

## Questão 2

Atenda ao que se pede.

- a) Para um leitor que desconheça o conteúdo do livro **1984**, de George Orwell, é possível saber, com base no texto de S. Augusto, por que essa obra é uma distopia? Justifique sua resposta.
- b) Identifique duas palavras empregadas no texto que destoaem da variedade linguística nele predominante e proponha, para cada uma, um sinônimo que seja adequado ao contexto e à mencionada variedade.

### Resolução

- a) Segundo o dicionário Howaiss, distopia é “qualquer representação ou descrição de uma organização social futura caracterizada por condições de vida insuportáveis, com o objetivo de criticar tendências da sociedade atual”. O aluno pode deduzir este sentido, mesmo desconhecendo o enredo de **1984**, das passagens “o pesadelo futurista de Orwell” e “períodos de perplexidade e surto autoritário como o que a América atravessa”.
- b) As palavras que destoam da variedade culta, predominante no texto, são “xaropadas” e “futricas”, que em norma padrão poderiam ser substituídas, respectivamente, por “leitura entediante, falaciosa” e “mexericos, fofocas”.

## Questão 3

Leia o texto e atenda ao que se pede.

Nota: A leitura deste texto também será necessária para responder à questão 4-A.

*Dizer que lemos – o mundo, um livro, o corpo – não basta. Ler serve como um veículo metafórico, mas para ser compreendido precisa ele mesmo ser reconhecido por meio de metáforas. Assim como escritores falam em cozinhar uma história, misturar os ingredientes do enredo, ter ideias cruas para uma trama, apimentar uma cena, acrescentar pitadas de ironia, retratar uma fatia de vida, nós, os leitores, falamos em saborear um livro, encontrar alimento nele, devorá-lo de uma sentada, ruminar um texto.*

Alberto Manguel, *Uma história da leitura*.  
Companhia das Letras, 1997. Adaptado.

- a) No início do texto, o autor pressupõe algo em comum no ato de ler “o mundo, um livro, o corpo”. Em que consiste esse elemento comum às três leituras?
- b) Reescreva o segundo período do texto, colocando o verbo “servir” no futuro do pretérito e substitua a preposição “para” pela locução “para que”, fazendo as modificações necessárias.

### Resolução

- a) O elemento comum ao ato de ler “o mundo, um livro, o corpo” consiste no emprego de metáforas do campo semântico da gastronomia como “cozinhar”, “misturar”, “ingredientes”, “cruas”, “apimentar” e “pitadas”.
- b) Para que se mantenha a correlação verbal entre as orações, é necessário que o segundo verbo fique no pretérito imperfeito do modo subjuntivo e o terceiro, novamente no futuro do pretérito do modo indicativo como o primeiro.  
Ler serviria como veículo metafórico, mas para que fosse compreendido precisaria ele mesmo ser reconhecido por meio de metáforas.

## Texto para as questões 4 e 5

*Estudante sou. Nada mais. Mau sabedor, fraco jurista, mesquinho\* advogado, pouco mais sei do que saber estudar, saber como se estuda, e saber que tenho estudado. Nem isso mesmo sei se saberei bem. Mas, do que tenho logrado saber, o melhor devo às manhãs e madrugadas. Muitas lendas se têm inventado, por aí, sobre excessos da minha vida laboriosa. Deram, nos meus progressos intelectuais, larga parte ao uso em abuso do café e ao estímulo habitual dos pés mergulhados n'água fria. Contos de imaginadores. Refratário sou ao café. Nunca recorri a ele como a estimulante cerebral. Nem uma só vez na minha vida busquei num pedilúvio\*\* o espantinho do sono.*

*Ao que devo, sim, o mais dos frutos do meu trabalho, a relativa exabundância\*\*\* da sua fertilidade, a parte produtiva e durável da sua safra, é às minhas madrugadas. (...)*

*Mas, senhores, os que madrugam no ler, convém madrugarem também no pensar. Vulgar é o ler, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas ideias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam, no espírito que os assimila. Um sabedor não é armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas.*

*Já se vê quanto vai do saber aparente ao saber real. O saber de aparência crê e ostenta saber tudo. O saber de realidade, quanto mais real, mais desconfia, assim do que vai aprendendo, como do que elabora.*

Rui Barbosa, **Oração aos moços**.

**Nota:** A obra, da qual faz parte este excerto, é um discurso de paraninfo dirigido a uma turma de formandos em Direito. Como o autor não pôde comparecer à solenidade por motivo de saúde, o discurso foi lido por um professor da faculdade.

Glossário:

\* mesquinho: escasso de recursos;

\*\* pedilúvio: banho dos pés com fins terapêuticos;

\*\*\* exabundância: superabundância.

## Questão 4

Atenda ao que se pede.

- a) Cite a expressão usada por Rui Barbosa que constitui uma metáfora referente ao ato de ler, cujo campo semântico é o mesmo das metáforas utilizadas por A. Manguel (ver texto da questão 3) para se referir aos leitores. Justifique sua resposta.
- b) Costuma-se considerar a obra **Oração aos moços** um legado que seu autor deixou para os profissionais do Direito. Cite do excerto aqui transcrito, algum exemplo desse legado.

### Resolução

- a) Alberto Manguel utiliza metáforas, para o ato de ler, do campo semântico da gastronomia, assumiu como Rui Barbosa no trecho “aquisições digeridas”, em que se refere à assimilação de saberes por meio da leitura reflexiva.
- b) O texto traz vários trechos que poderiam ser mencionados como legado, entendido como ensinamento, para os formandos em Direito, principalmente os que se encontram no terceiro parágrafo, como, por exemplo:  
“O saber não está ciência alheia, ...mas, principalmente, nas ideias próprias”.

## Questão 5

Com base no texto de Rui Barbosa, responda ao que se pede.

- a) Considerando-se a acepção assumida pela palavra sublinhada no trecho “vulgar é o ler, raro o refletir”, é correto afirmar que ocorre, aí, o recurso da antítese? Justifique sua resposta.
- b) Em que gênero literário se enquadra a obra **Oração aos moços**? Que recurso típico desse gênero concorre de modo decisivo para a construção do texto?

### Resolução

- a) A palavra “vulgar” refere-se ao que é comum, usual, portanto, forma, no texto, uma antítese com o termo “raro”, cujo sentido é de “pouco comum, invulgar”. Segundo Rui Barbosa, a leitura é uma ação corriqueira, contudo a reflexão seria rara, pouco frequente.
- b) O discurso de Rui Barbosa, *Oração aos Moços*, dirigido aos paraninfos, foi lido por um professor, pois o autor encontrava-se enfermo. Considerando que uma formatura é um ato solene e que o autor encontrava-se ausente, pode-se inferir que o discurso, quanto ao gênero literário, é um testamento político, visto que é um legado deixado aos profissionais do Direito. Trata-se de uma manifestação exortativa à posteridade, confirmada pelo uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e do vocativo “senhores”. Há outros exemplos desse mesmo gênero na história, como o “Testamento político de D. Pedro II”, “Testamento político de Franco”, “Testamento político de Lênin”, entre outros.

## EPÍLOGO

*Vocês, melhor aprenderem a ver, em vez de apenas  
Arregalar os olhos, e a agir, em vez de somente falar.  
Uma coisa dessas quase chegou a governar o mundo!  
Os povos conseguiram dominá-la, mas ainda  
É muito cedo para sair cantando vitória:  
O ventre que gerou a coisa imunda continua fértil!*

Bertolt Brecht

Esse texto é o epílogo, muito célebre, da peça teatral **A resistível ascensão de Arturo Ui**, no qual o dramaturgo se dirige aos espectadores. Escrita nos anos de 1940 e revista durante a década de 1950, a peça tem como referências históricas a ascensão do nazifacismo na Europa e a Segunda Guerra Mundial. Assim, a “coisa” que “quase chegou a governar o mundo”, de que fala o texto, remete ao projeto nazifacista de dominação, do qual são parte inseparável, além da mencionada guerra mundial, também os programas de perseguição e de extermínio de minorias étnico-religiosas, de dissidentes políticos e de minorias sexuais, entre outros grupos. Essa conjugação característica de violência e preconceito, gangsterismo e terror, regressão e barbárie é que o autor designou como “a coisa imunda”.

Com base no estímulo do texto, bem como em outras informações que você considere pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema – **“O ventre que gerou a coisa imunda continua fértil!”**: essa afirmação ainda é válida em nossos dias?

### Comentário à Proposta de Redação

**“O ventre que gerou a coisa imunda continua fértil!”**: essa afirmação ainda é válida em nossos dias? Foi esta a pergunta feita pela Banca Examinadora, a ser respondida numa dissertação em prosa, na qual o candidato não apenas expusesse seu ponto de vista, mas também o justificasse.

Caberia, primeiramente, ler com atenção o epílogo, ou seja, o desfecho do texto que encerrava a peça teatral *A resistível ascensão de Arturo Ui*, escrita pelo dramaturgo Bertolt Brecht no ano de 1940, cujo cerne remetia ao “projeto nazifascista de dominação”, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, reforçado por “programas de perseguição e de extermínio de minorias étnico-religiosas, de dissiden-

tes políticos e de minorias sexuais, entre outros grupos”. Seria apropriado observar, no alerta feito por Brecht, o risco de “a coisa imunda”, que “quase chegou a governar o mundo”, emergir, ou seja, ressurgir (“é cedo para cantar vitória”).

Um relativo conhecimento dos horrores praticados por Hitler durante a Segunda Guerra permitiria ao candidato estabelecer uma comparação entre o cenário de barbárie, descrito por inúmeros historiadores, e o fenômeno de retrocesso observado em pleno séc. 21– que vai do extremismo de grupos como o Estado Islâmico, passando pela defesa do justicamento defendido por cidadãos comuns como forma de reprimir a criminalidade, até chegar ao fenômeno de polarização, que consiste no discurso de ódio dirigido a toda e qualquer ideologia, raça, orientação sexual, ideologia política – enfim, a tudo que contrarie a visão de determinados grupos que, apegados a convicções divulgadas sobretudo em redes sociais devidamente reforçadas pela “pós-verdade”, ou seja, por notícias completamente descomprometidas com a verdade, contribuiriam para recompor “a conjugação de característica de violência e preconceito, gangsterismo e terror, regressão e barbárie”.

Um panorama aterrorizante como esse acabaria por induzir o candidato a responder positivamente à questão formulada pela GV: Sim, “o ventre que gerou a coisa imunda continua fértil!”.